



CONSTRUINDO A IMAGEM DE LULA NO CENÁRIO INTERNACIONAL: AS VISÕES DO *THE NEW YORK TIMES* E *GUARDIAN UNLIMITED*

Maria Inez Mateus DOTA (Universidade Estadual Paulista-Bauru)

INTRODUÇÃO

Jornais de ampla circulação em âmbito internacional como *The New York Times* e *The Guardian* exercem grande influência na construção da imagem de personalidades proeminentes no cenário mundial. A eleição de Luiz Inácio Lula da Silva – um político de esquerda do Partido dos Trabalhadores (PT) e ex-metalúrgico - para a presidência do Brasil colocou-o nas manchetes de jornais impressos e digitais que atingem os quatro cantos do globo. A forma com que esses periódicos representam essas personalidades, certamente, varia de acordo com os pontos de vista adotados, os quais remetem a uma ideologia que perpassa a postura de determinado veículo de comunicação e que deve ser analisada com atenção por parte de estudiosos e leitores da mídia. Considera-se que a construção do sentido na mídia emana de uma inter-relação texto/leitor, em que se entrelaçam linguagem e o contexto sócio-histórico, e entende-se que as instituições que produzem e divulgam notícias são social, econômica e politicamente situadas e, por essa razão, suas produções textuais (re)produzem interesses e visões que interferem na estruturação da sociedade e na maneira com que esta vê os seus dirigentes.

Fundamentando-se nos princípios da análise crítica do discurso, principalmente nos escritos de Bell (1998), Fairclough (1995) e Fowler (1991), este trabalho se propõe a analisar artigos dos jornais *The New York Times* e *Guardian Unlimited* - versões *on line* -, que abordam a atuação de Luiz Inácio Lula da Silva após sua posse como presidente do Brasil, em 1º. de janeiro de 2003. Busca-se verificar qual a imagem que cada um dos citados periódicos quer construir em relação a Lula e quais valores ideológicos estão subjacentes às suas posturas.

Aponta-se como a linguagem é trabalhada no sentido de representar o presidente Lula de forma positiva ou negativa e, conseqüentemente, de abrir (ou não) espaço para uma nova



liderança no cenário mundial. Analisam-se as várias estratégias discursivas utilizadas, levando-se em consideração tanto as microestruturas, tais como as escolhas lexicais, tempos verbais, quanto as macroestruturas, ou seja, os aspectos escolhidos para compor a argumentação dos artigos. Essa análise recairá sobre dezenove artigos dos jornais citados acima, publicados entre 4 de janeiro e 30 de abril de 2003.

1.A visão do *Guardian Unlimited*

A presente análise se inicia pelo jornal digital *Guardian Unlimited* que, no período mencionado, publicou nove artigos abordando a atuação de Luiz Inácio Lula da Silva como presidente do Brasil. Desde os primeiros dias de seu governo, esse periódico manifesta sua posição favorável a Lula, quando usa o termo *seriousness* (seriedade), para sinalizar decisões acertadas na luta contra a fome, conforme (1) abaixo:

(1)*Brazil's new leftwing president, Luiz Inácio Lula da Silva, signalled the seriousness of his fight against poverty yesterday when he delayed an important arms deal so that he could spend the money on an anti-hunger campaign. (Alex Bellos, Brazil's new leader shelves warplanes to feed hungry, 4 de janeiro de 2003.)*

O posicionamento do jornal não só elogia a atitude adotada pelo presidente Lula, como também ressalta as conseqüências positivas de sua decisão, ao apontar a estabilidade do mercado e a valorização da moeda brasileira:

(2)*The international markets did not appear to worry that the government's priorities had shifted towards more social projects. The embattled Brazilian real rallied nearly 3% as investors bet that Lula's team would pursue sound economic policies. (Ibidem.)*

A primeira proposição acima grifada instaura um clima favorável em relação ao presidente que acaba de tomar posse no Brasil e os grifos subsequentes constituem argumentos concretos para comprovar que a equipe de Lula adotará políticas econômicas acertadas (*sound economic policies*).

Na segunda semana do novo governo, o *Guardian Unlimited* dá cobertura à viagem que Lula faz com seus ministros para regiões de grande pobreza do país. A significação desse ato do presidente é passada de forma construtiva, nas vozes escolhidas pelo jornalista para destacar a importância desse gesto simbólico contra a pobreza (*an important symbolic gesture*). Confira essa postura do jornal no discurso direto e indireto introduzido no texto do artigo:

(3)*Lula introduced his ministers as “comarades” and said that they would work together to end poverty. “My job is not to promise but to do,” he said.*

.....
Ana Toni, Brazil director of Action Aid, said Lula’s decision to show his ministers the reality of Brazilian life was an important symbolic gesture.

“For the first time in Brazilian history the fight against poverty is a government priority and not an add-on policy.” (Alex Bellos, Brazil’s ministers go on ‘misery tour’, 11 de janeiro de 2003.)

Observa-se que, embora essa viagem de Lula tenha suscitado críticas, mostradas pela imprensa brasileira, o *Guardian Unlimited* não registra nenhuma delas; representa o presidente como um homem de ação (“*My job is not to promise but to do*”.) que tem o combate à miséria como uma prioridade, e não como uma política suplementar (...*and not an add-on policy*). Esses foram os aspectos selecionados pelo jornal para serem enfocados. Isso comprova que “os valores da mídia controlam a maneira como as notícias são apresentadas. Podemos considerar a forma com que as notícias são estruturadas apenas com referência aos valores pelos quais um ‘fato’ é julgado como mais digno de ser noticiado do que outro – e, portanto, mais importante para ser lembrado e entendido” (Bell, p. 101).

Na seqüência de artigos publicados, um deles, com o emprego do modal *will*, questiona “se a comunidade financeira internacional dará uma chance a Lula”, mas, ao mesmo tempo mostra que o presidente está “veementemente comprometido com a reforma social”, conforme os grifos em (4):

(4)*Will the international financial community give Lula a chance? There is no doubt that Brazil’s new left-leaning president is passionately committed to social reform.* (Sue Brandford, Lula’s reforms stand a real chance if foreign creditors keep calm, 13 de janeiro de 2003.)

Nesse artigo, a jornalista aponta os problemas enfrentados pelo Brasil durante o governo de Fernando Henrique Cardoso e toda a década de 90, de acordo com (5) e (6) abaixo:

(5)*Yet the new government faces a predicament. Under the outgoing administration headed by Fernando Henrique Cardoso, Brazil adopted the familiar package of IMF policies: cuts in state spending, privatisation of state companies, deregulation, and so on. (Ibidem.)*

(6)*Throughout the 1990s the country was hit by a series of external shocks. Each time government was able to restore confidence only by raising interest rates, which further depressed the economy and made it more expensive to service the internal and foreign debts. (Ibidem.)*

As escolhas lexicais *predicament* (apuro) e *a series of external shocks* (uma série de choques externos) constroem, de um lado, um panorama desvantajoso para o Brasil, o qual o novo presidente tem de combater. Por outro lado, conforme abaixo, o jornal enfatiza a postura positiva de Lula no enfrentamento dos problemas apontados (“há uma solução para o enigma”) e seu acerto na escolha de ministros experientes e respeitados, construindo, dessa forma, uma argumentação a favor do presidente, como aponta em (7) e (8):

(7)*Even though he confesses that the state of the economy is extremely serious, Lula believes there is a way out of the conundrum. (Ibidem.)*

(8)*The environment minister, Marina da Silva, who was born into a family of poor rubber-tappers deep in the Amazon forest, has brought many of Brazil’s most active environmentalists into her ministry and is preparing new policies for many controversial issues, including the Amazon rain forest.*

The education minister, Cristovam Buarque, is a respected leftwing intellectual who is promising a radical overhaul of the country’s education system, currently heavily skewed in favour of middle class children. (Ibidem)

No fechamento do artigo, o *Guardian Unlimited* declara um posicionamento explícito com relação ao novo presidente, indicando que sua abordagem conciliatória merece uma chance (*Lula’s conciliatory approach deserves a chance.*).

Num outro artigo sobre a liberalização da venda de remédios em supermercados britânicos, – uma grande mudança no mercado -, é introduzida uma nota sobre a “virada no Brasil” (*Brazilian flip*). Nesse caso, também, a conotação é favorável aos primeiros passos do



governo Lula, pelo aumento de confiança no país e pela valorização do real, como apontam os grifos a seguir:

(9) Domestic investor confidence is up, as is consumer spending. Brazil's currency, the real, has strengthened by 16% over the last month, and the risk premium international investors demand for holding Brazilian assets has halved since Lula's election. As a result, the government is projecting growth of 3% this year. (Evangelical zeal won't make pill popping cheaper, 18 de janeiro de 2003.)

O Fórum Social Mundial de 2003 é tema de dois artigos que se analisam a seguir. Ao se referir a Porto Alegre, localidade que sedia o evento, o *Guardian Unlimited* tece comentários elogiosos à cidade e, por extensão, ao partido do presidente Luiz Inácio Lula da Silva que a administrou até 2002. Esse ponto de vista é ancorado nos seguintes argumentos então adotados pelo Partido dos Trabalhadores: “decisão do orçamento por um processo de participação popular, redistribuição de renda, redução da pobreza e, como resultado, a eliminação da corrupção”, conforme indica o trecho (10):

(10) The choice of Porto Alegre was symbolic too. For 15 years the city's governing Workers party – which now rules Brazil through the leftwing President Luiz Inacio Lula da Silva – has been deciding the budget through a process of popular participation, redistributing wealth, reducing poverty and eliminating corruption as a result. (Hilary Wainwright, 'People's UN' marches to beat of new drum, 25 de janeiro de 2003.)

A participação de Lula em dois fóruns, o Social em Porto Alegre e o Econômico na Suíça, não é criticada pelo jornal, o inverso da postura do *The New York Times*, como se aponta mais adiante neste trabalho. O *Guardian Unlimited* se limita a mostrar a disposição de Lula para participar dos dois fóruns, com o mesmo discurso e a mesma postura em ambos:

(11) After making his speech to the WSF, he is going to its business counterpart in Switzerland. “I will be saying the same thing as I say here. There will not be two faces. I will tell Davos that their economic policies are making a terrible mistake.” (Ibidem.)

O outro artigo que faz referência ao Fórum Social, igualmente, representa a administração de Porto Alegre como “uma luz para um novo tipo de política” – mais democrática; sugere, inclusive, ações que o presidente Lula pode desencadear para colocar as



decisões nas mãos dos cidadãos brasileiros, uma vez que não acenou com essa possibilidade em sua campanha, na opinião do jornalista:

(12)*Right now, it looks as if Lula has only two choices: abandoning his election promises of wealth redistribution or trying to force them through and ending up in a Chavez-style civil war. But there is another option, one his own Workers party has tried before, one that made Porto Alegre itself a beacon of a new kind of politics: more democracy. He could simply refuse to play the messiah of the lone ranger, and instead hand power back to the citizens who elected him, on key issues from payment of the foreign debt, to land reform, to membership of the Free Trade Area of the Americas. (Naomi Klein, Cut the strings, 1o. de fevereiro de 2003.)*

(13)*Sadly, those themes of deep participation and democratic empowerment were largely absent from his campaign to be president. (Ibidem.)*

Em *American presidents all mixed up* (Presidentes americanos trocados, 29 de janeiro de 2003), o jornalista Richard Adams ironicamente sugere a troca de posições entre Bush e Lula, pois o primeiro está sempre se colocando como um homem do povo e o segundo acalmou os mercados logo no início de seu governo. Mesmo num tom irônico, o jornalista aponta os pontos positivos marcados por Lula após sua vitória:

(14)...*since his election, Lula's policies have met with praise from the bankers that rule the financial markets. Brazil was dragged down by Argentina's economic implosion last year, but since Lula's victory, Brazil's currency, the real, has made a remarkable recovery on world markets. (Richard Adams, American presidents all mixed up, 29 de janeiro de 2003.)*

As expressões *met with praise* (recebidas com elogio) e *remarkable recovery* (recuperação notável), certamente, ajudam a construir uma imagem positiva de um governo que se inicia e deixam entrever um veículo de comunicação cuja ideologia não objetiva ofuscar ou denegrir uma liderança que desponta no cenário internacional.

Na mesma direção, esse periódico sob análise publica um artigo enfocando as novas pressões democráticas que os altos dirigentes da globalização (Banco Mundial e FMI) estão enfrentando. A alusão ao Brasil, inserida, no texto, pela fala do presidente do FMI - Horst Kohler -, confere a Lula a aura de um político honesto que está ciente dos problemas de seu país:

(15) *He [Horst Kohler] told his genuine admiration for the programme of social justice being enacted by President Lula of Brazil. “We will go the extra mile to support this leader and his genuine honesty. He says corruption is a cancer, and that he wants to unleash the creativity of his people, but he told me about his first hand experience about how inflation takes away the purchasing power of the poor.” (Faisal Islam, The green shoots of global democracy?, 16 de março de 2003.)*

Finalmente, a manchete publicada em 11 de abril de 2003 – *Leftwing Lula earns credit as his first 100 days revive economy* (O esquerdista Lula ganha crédito porque seus 100 primeiros dias revigoram a economia) –, a chamada e trechos desse texto retratam o início de governo, de maneira geral, como positivo, ressaltando prudentes políticas sociais e financeiras:

(16) *Brazilian president extends his honeymoon period by sticking to prudent financial and social policies. (Alex Bellos, Leftwing Lula earns credit as his first days revive economy, 11 de abril de 2003.)*

(17) *“I am cautiously optimistic so far regarding the Lula administration,” said Riordan Roett, director of the Western Hemisphere Programme at Johns Hopkins University in Washington. “The first 100 days are as good as you get in the context of Brazil.” (Ibidem.)*

Entretanto, esse último artigo do *Guardian Unlimited* não deixa de mencionar alguns problemas que o governo Lula vem enfrentando, tais como burocracia e situações embaraçosas com o Programa Fome Zero e as reclamações dentro e fora de seu partido:

(18) *While it has highlighted the government’s social priorities, the project (Fome Zero) has been thwarted by bureaucracy, poor leadership and accusations of pork-barrel politics. In one embarrassing moment, newspapers revealed that a £9,500 cheque donated by the model Gisele Bündchen had not been cashed more than a month later. (Ibidem.)*

(19) *“All this buys him time, allows him to contain the grumblings on the left of his own party and neutralise the paranoid far-right, which continues to fear and distrust the Workers’ party.” ... (Ibidem.)*

As escolhas lexicais *poor leadership* (liderança fraca) e *accusations of pork-barrel politics* (acusações de política de campanha), com referência ao Programa Fome Zero, certamente arranham uma imagem positiva que o periódico construiu nos artigos anteriormente analisados. Mesmo assim, pode-se afirmar que o jornal *on line Guardian Unlimited* constrói uma imagem favorável para uma liderança que surge no cenário



internacional. Ao longo dos textos abordados, os termos escolhidos para caracterizar o novo presidente e os argumentos utilizados para nomear suas ações demonstram um voto de confiança na pessoa de Lula e a ausência de qualquer tipo de discriminação com um político de esquerda, oriundo da classe trabalhadora.

2.A visão do *The New York Times*

Esta parte da análise se inicia com a abordagem de três artigos que *The New York Times* publicou a respeito da participação de Lula no Fórum Social Mundial e no Fórum Econômico Mundial, dentre dez artigos que fazem menção ao desempenho do novo presidente do Brasil. Contrariamente ao *Guardian Unlimited*, que elogiou a administração do Partido dos Trabalhadores em Porto Alegre – sede do Fórum Social Mundial -, o jornal americano expõe a derrota e as incoerências do partido no Rio Grande do Sul e prepara terreno para o perfil que quer imprimir ao novo presidente, conforme se ressalta nos grifos abaixo:

(20) Brazil's Workers Party, one of the main sponsors of the event, was in power here [Porto Alegre] and considered the state of Rio Grande do Sul an ideal showcase for its brand of "post-Marxist" democracy and social revolution.

Last October, the leader of the Workers Party, Luiz Inácio Lula da Silva, was elected president of Brazil, and in that capacity he is scheduled to open the third World Social Forum here on Jan. 23. But in the same election, voters here in this prosperous state of 10.5 million people gave his party a drubbing, electing a governor who says he embraces globalization and will try to attract the multinational corporations that the Workers Party had shunned. (Larry Rohter, Antiglobalization forum to return to a changed Brasil, 20 de Janeiro de 2003.)

Uma instância de poder, tal qual representa o *The New York Times*, não pode aceitar que o governo de um estado próspero de uma grande nação afaste as empresas multinacionais, como o fez o Partido dos Trabalhadores no estado do Rio Grande do Sul. Dessa forma, o discurso do jornal deve repelir tal ação e desqualificar os responsáveis – governantes de esquerda que sofreram uma “derrota”. Por outro lado, o artigo mostra que o governador eleito (Partido da Social Democracia Brasileira do Ex-Presidente Fernando Henrique Cardoso) pretende atrair as multinacionais. Para justificar essa postura, o jornalista insere a fala de um membro do governo estadual, deixando implícita a incoerência do Partido dos Trabalhadores



ao afastar as empresas e impedir a criação de empregos, ao mesmo tempo em que defende o Programa Fome Zero:

(21) *“Lula talks about Zero Hunger, and we agree with that,” Said Luiz Roberto Andrade Ponte, secretary of development and international affairs in the new state government, which took office on Jan. 1. “But we think the best way to combat hunger is creating jobs for people, through productive employment rather than a wage paid by the state.” (Ibidem.)*

Também para denegrir o partido de que o presidente é oriundo, o jornalista traz à baila um escândalo que prejudicou o desempenho do PT no Rio Grande do Sul, assunto não abordado pelo *Guardian Unlimited* quando comentou a administração de Porto Alegre:

(22) *The Workers Party has also been weakened by a corruption scandal linking a campaign fund raiser close to Mr. Dutra [ex-governador, do PT], with an illegal numbers game across Brazil. During an official parliamentary inquiry into that connection, a former party official testified that numbers game kingpins had donated \$500,000 toward the purchase of the party’s new headquarters here. But the inquiry’s highlight was the playing of a tape on which the fund-raiser, claiming to speak for Mr. Dutra could be heard urging the then chief of police to go easy on numbers runners.*

“This sort of things happens regularly in other parts of Brazil, but it had more impact here because this time the Workers Party was involved,” said Celi Pinto, a professor of political science at the Federal University of Rio Grande do Sul here. “They had set themselves up as the guardians of morality, with a monopoly on virtue and ethics in politics, so it really hurt them.” (Ibidem.)

Nesse trecho acima o jornal mostra a incoerência e desqualificação do partido do presidente opondo as expressões *corruption scandal* (escândalo da corrupção - em que o partido viu-se envolvido) e *guardians of morality, with a monopoly on virtue and ethics in politics* (guardiões da moralidade, com monopólio sobre a virtude e a ética política – qualidades que os membros do partido avocavam para si).

Um outro texto, pautando a presença de Luiz Inácio Lula da Silva nos dois fóruns, indica a visão do jornal, cujo posicionamento ideológico não permite expressar-se favoravelmente ao presidente. Nesse sentido, entende-se com Fowler (1991, p. 42) que “os discursos são conjuntos de afirmações sistematicamente organizadas que dão expressão a significados e valores de uma instituição”. Tem-se, então, o grande jornal da potência norte-americana – *The New York Times* – a quem não interessa mostrar de forma positiva uma nova liderança que surge no continente, mas sim identificá-la como alguém que não merece tanto



crédito, uma vez que suas posições são incoerentes, conforme indicam as exemplificações abaixo:

(23)Porto Alegre, Brazil, Jan. 23 - Arriving for last year's World social Forum here, well before he had been elected president, Luiz Inácio Lula da Silva was blunt in his criticism of the world's top policy makers then gathering for the world Economic Forum in New York.

"The sheer amount of barbed-wire fencing," he said, showed that "what those men there were thinking was no good for the majority of humankind, especially for the poor."

This year, Mr. da Silva will stop here only briefly to address the 100,000 or so antiglobalization activists gathered for the third Social Forum before jetting off to Davos to speak to "those men," now back at their traditional venue in the Swiss Alps, but still behind barbed wire.

The fact that Mr. da Silva is willing to rub shoulders with the Che Guevara T-shirts at the Social Forum and the suits in Davos illustrates the fine line he has been walking since taking office on Jan.1. (Tony Smith, A leader with a foot now in both worlds, 23 de Janeiro de 2003.)

No trecho acima, o adjetivo *blunt* (áspera) qualifica a crítica que Luiz Inácio Lula da Silva fez ao Fórum Econômico Mundial no início de 2002, quando ainda era candidato a presidente do Brasil e posicionou-se do lado dos menos favorecidos, pois “aquilo que aqueles homens lá [em Nova Iorque] estavam pensando não era bom para a maioria da humanidade, especialmente para os pobres.” Para mostrar sua incoerência com a crítica de 2002, o jornalista aponta que, em 2003, o presidente passa rapidamente pelo Fórum Social e se dirige a Davos, para falar com “aqueles [mesmos] homens” que desdenhou. A posição ideológica do jornal, no caso assumida pelo autor do artigo, não permite que o novo presidente ouça as propostas sociais daqueles vestidos com camisetas de Che Guevara, em Porto Alegre, e discuta, ao mesmo tempo, a agenda determinada pelos homens “de terno” nos Alpes Suíços. Nas entrelinhas do artigo há um pré-concebido de que Luiz Inácio Lula da Silva deve ficar confinado ao seu reduto e não pode participar das discussões dos poderosos, uma vez que os criticou no passado.

Para corroborar essa posição, o jornalista lembra, no trecho abaixo, que o presidente recém-eleito é um “ex-metalúrgico”, que alterna suas ações conforme as exigências de diferentes momentos políticos:



(24) *On the one hand, Mr da Silva, a former metalworker, has appeared on television and on magazine covers as popular “Presidente Lula,” the caring leader who takes his cabinet on trips to some of Brazil’s poorest regions to show he intends to make good on election promises to redress this vast country’s appalling social inequities.*

Ditching for a while the suits and ties that helped him win over more reticent, conservative voters during last year’s election campaign, Mr. da Silva reverted to his working-class roots, touring shantytowns, embracing an AIDS-afflicted child here, comforting a poverty-stricken widow there.

If the popular reaction is anything to go by, Mr. da Silva is managing to persuade Brazil’s poorest that their economic lot can improve. Wherever he goes, Mr. da Silva draws a crowd and he plays it like a rock star. (Ibidem.)

De acordo com o jornal, ora o ainda candidato se apresenta de terno e gravata, para angariar os votos dos conservadores, ora, já no cargo, retoma suas raízes na classe trabalhadora e leva o seu ministério para conhecer as regiões mais pobres do país. Essa alternância de posições é enfatizada pelo tom irônico que o jornalista adota ao descrever o presidente “fazendo turismo por favelas” e ao compará-lo a uma estrela do *rock*, com atitudes populistas como se ainda estivesse em campanha política, isto é, abraçando crianças atingidas pela AIDS e confortando uma pobre viúva.

Mesmo quando o jornal aponta um ponto positivo da administração Lula, procura desqualificá-la, levantando as vulnerabilidades do Brasil e, também, destacando os interesses financeiros que regulam determinadas ações do governo, conforme o trecho (25) abaixo:

(25) *On the other hand, Mr. da Silva has struck a serious note with the markets, nominating an economic team that is bending over backward to persuade investors that Brazil is a safe bet and that unorthodox policies are simply not on the agenda. Its first major policy decision was to raise interest rates this week to their highest level in nearly four years, assuaging fears the new government would be soft on inflation.*

The government is also advancing with plans, long awaited by the markets, to reform Brazil’s wasteful public sector pension system, inefficient tax laws and archaic labor legislation.

Maybe because of such ambiguity, Mr da Silva’s announcement he would fly to Davos caused furor among radicals on the left of his Worker’s Party. Cândido Grzybowski, a member of the Social Forum’s steering committee, called the decision “lamentable.”

If Mr. da Silva delivers any antiglobalization message, it will most likely be here rather than in Davos, where he will be trying to persuade the international financiers present to reopen credit lines to Brazilian companies. Hundreds of millions of dollars in financing were cut off before Mr. da Silva’s election triumph last October, when many were predicting Brazil’s economy would collapse. (Ibidem.)

Dessa forma, observa-se que, ao mostrar o “Sr. da Silva marcando um ponto importante com os mercados”, o jornalista não perde a oportunidade de insinuar a incoerência do presidente, pois “nomeou um time econômico que está voltando ao passado”, ou seja, trazendo novamente as práticas políticas do governo anterior que tanto criticou. Ao apontar que o novo “governo está também avançando com planos há muito esperado pelos mercados”, *The New York Times* traz à tona os problemas do Brasil – “um sistema previdenciário dispendioso, legislação tributária ineficiente e uma arcaica legislação trabalhista”. Essas escolhas lexicais objetivam tirar o brilho de uma liderança que pode tomar espaço nas Américas, mas que o posicionamento ideológico do jornal, a exemplo de grandes forças econômicas, não lhe permite deixar fluir.

No sentido de imprimir uma personalidade inconsistente a Lula no cenário internacional, o jornalista qualifica sua recente trajetória como uma “ambigüidade”, a ponto de “o anúncio de que iria para Davos causar furor entre os radicais de esquerda do Partido dos Trabalhadores”. Essa ambigüidade tem a sua razão, no encaminhamento dado pelo jornal, no fato de o presidente querer estar com “um pé nos dois mundos”, conforme o título do artigo determina, e, de antemão, *The New York Times* especula sobre o discurso que Lula fará em cada um dos fóruns, pois, a ele, não é permitido conciliar: “se o Sr. da Silva proferir alguma mensagem antiglobalização, será muito provavelmente aqui [em Porto Alegre] ao invés de Davos, onde ele estará tentando persuadir os financiadores internacionais presentes a reabrirem as linhas de crédito para as empresas brasileiras”. Assim, o jornal mostra o presidente Lula com um pé em dois mundos opostos, ou seja, de um lado, um mundo que luta contra a globalização e, de outro, um mundo que possui os recursos financeiros de que o Brasil necessita. Essa postura do *The New York Times* é contrária àquela manifestada pelo *Guardian Unlimited* no trecho (11) acima, em que este jornal introduz uma fala do presidente Lula na qual ele enfatiza que “não haverá duas caras”, com referência à sua atuação nos dois fóruns.

No artigo *Brazilian leader vows he will plead for the poor in Davos*, o termo *vows* (jura) insinua que as posições do presidente são tão incoerentes, que ele precisa jurar aos participantes do Fórum Social sobre sua intenção de defender os pobres em Davos. Observa-se, assim, que as opiniões ideológicas “não são sempre expressas de forma explícita. Isto é, muito freqüentemente elas são implícitas, pressupostas, escondidas, denegadas ou tidas como



certas. Por isso é necessário examinar mais sistematicamente a *estrutura semântica* do texto, para averiguar várias formas de implicação, simulação ou contradição” (van Dijk, 1988, p. 62).

O emprego da intertextualidade traz para o artigo um *slogan* do movimento *hippie* que floresceu nos anos 60 – “Faça amor, não faça guerra”. Em que pese o enfático ideal do movimento de paz e amor universal, há, nessa referência, uma conotação de desprestígio em função dos hábitos de vida das comunidades *hippies*. A alusão ao *slogan*, jogando com o posicionamento também ideológico de leitores, imprime um caráter populista às atitudes do presidente e deslegitima o seu discurso:

(26) *Urging the rich world to make peace not war, President Luiz Inácio Lula da Silva pledged today to champion the cause of all poor countries when he addresses the World Economic Forum in Davos, Switzerland, this weekend. (Tony Smith, Brazilian leader vows he will plead for the poor in Davos, 24 de janeiro de 2003.)*

A idéia de que o presidente Lula faz um jogo de cenas, principalmente para a grande massa do povo que está em Porto Alegre, pode ser constatada no trecho (27), quando o jornalista afirma que o Sr. da Silva pode ter um discurso radical em Davos, mas, “atrás das cenas, terá que ser mais pragmático quando conferenciar com aqueles que movimentam e agitam [o cenário] internacional”:

(27) *However radical his speech at Davos may be, Mr. da Silva will also have to strike a more pragmatic note behind the scenes when he confers with the international movers and shakers there. (Ibidem.)*

Sua ambigüidade é constantemente ressaltada pelo jornal – de um lado, nomeia um ministro da fazenda e um presidente do banco central favoráveis ao mercado, do outro, continua criticando firmemente a aterradora distância entre ricos e pobres no Brasil, conforme o trecho abaixo:

(28) *For now, by appointing a market-friendly finance minister and central bank chief, Mr. da Silva has managed to keep financial markets healthy, while still talking tough about redressing Brazil’s appalling gap between haves and have-nots. (Ibidem.)*



O jornalista não deixa de cogitar a possibilidade de um diálogo entre os dois mundos, mas não se compromete com essa hipótese. Para tanto, introduz outras vozes que fazem uma análise um pouco mais positiva que a sua, no tocante ao presidente Lula:

(29) Speaking in Davos, Ms. Krueger [uma diretora do FMI] said the new Brazilian government's efforts to maintain fiscal and monetary discipline were a "step forward." Mr. da Silva might be walking a tightrope, but most analysts agreed he had to play both sides to start a dialogue between rich and poor. "The reality is that he has to have a foot in both worlds," said John Schmitt, a labor economist from Washington. "A dialogue has to be possible." (Ibidem.)

Assim, “a Sra. Krueger”, “a maioria dos analistas” e “o economista John Schmitt” são trazidos ao texto pelo discurso direto e indireto, para legitimar uma possibilidade que o jornalista não assume.

Atitudes de desconfiança mais veladas que essas apresentadas nesses três primeiros artigos são constantes nas páginas do *The New York Times on line*. Abordando a votação no Congresso sobre a autonomia do Banco Central do Brasil, o jornal mostra que o presidente Lula obteve apoio dos legisladores, mas na votação das “reformas espinhosas” (*thorny reforms*) precisará de suporte semelhante. O uso do tempo futuro – “precisará” (*will need*) – indica uma forte probabilidade, mas deixa implícita uma dúvida:

(30)The vote showed President Luiz Inácio Lula da Silva could successfully mobilize support from his coalition allies and opposition lawmakers, something markets had been eager to see. Mr. Da Silva will need similar support when he tackles thorny reforms of Brazil's bloated state-sector pension system and Byzantine tax system later this year. (Tony Smith, Brazil: financial revision advances, 4 de abril de 2003.)

Situações de dificuldade do governo Lula são apontadas em vários textos, como mostra o trecho a seguir, ressaltando a posição incômoda do presidente que não tem maioria no Congresso (*Lacking a majority*) e precisará do apoio dos partidos de oposição (*will have to rely on support from opposition parties*):



(31)Lacking a majority in the new Congress sworn in over the weekend, President Luiz Inácio Lula da Silva, left, will have to rely on support from opposing parties to push through reforms he promised to voters. (Tony Smith, Brazil: President lacks majority, 4 de fevereiro de 2003.)

Em *Frustrations for South American oil* (Frustrações para o petróleo sul-americano, 21 de fevereiro de 2003), *The New York Times* dá um tom negativo para a questão do petróleo na América do Sul e inclui aí uma crítica a nomeações feitas por Lula, no tocante à Petrobrás. Inversamente à estratégia utilizada pelo *Guardian Unlimited* em (8) acima, que aponta os acertos de Lula na escolha de ministros, as expressões *little-known senator* (senador pouco conhecido) e *academic economist with little experience* (economista acadêmico com pouca experiência) apontam, em (32), desacertos do presidente ao indicar pessoas sem visibilidade e experiência, para postos chave da empresa de petróleo:

(32)Brazil's Pres Luiz Inácio Lula da Silva made two political appointments that will effectively tame Petrobrás: *little-known senator* Jose Eduardo Dutra will take over company's presidency from respected, market-friendly Francisco Gros; Sergio Gabrielli, *academic economist with little commercial experience*, will become chief financial officer... (Tony Smith, *Frustrations for South American oil*, 21 de fevereiro de 2003.)

A construção da ambigüidade em torno de Lula é retomada pelo jornalista Tony Smith em *Brazilian Government's mixed signals* (Sinais confusos do governo brasileiro, 26 de fevereiro de 2003.) Enfocando a crise energética no Brasil, *The New York Times* representa o presidente como alguém que emite sinais confusos sobre sua política energética: de um lado, diz que os contratos serão respeitados; de outro, critica as agências reguladoras. Os questionamentos do jornal lançam dúvida sobre a posição do presidente e abrem espaço para a instabilidade econômica, conforme apontam os trechos (33) e (34) abaixo:

(33)...da Silva has sent out *mixed signals*, saying that 11 contracts will be respected, but also criticizing regulatory agencies... (Smith, *Brazilian government's mixed signals*, 26 de fevereiro de 2003.)

(34)Will the government halt or even reverse the privatisations that have partly liberalized power generation and distribution, as some socialist supporters of the government would like? Or will the government of President Luiz Inácio Lula da Silva try to overhaul the industry with a mix of public and private investment? (*Ibidem.*)



Em *Finding common ground in Brazil* (Encontrando um terreno comum no Brasil, 13 de abril de 2003), o jornalista aponta a coligação de Lula com seu vice, o empresário José de Alencar, como um oportunismo para ganhar os votos da classe média:

(35)Mr. Da Silva, however, had been preaching a “new social contract” between business and labor after losing three previous presidential races, largely because Brazil’s middle class thought he was too radical. In turning to Mr. Alencar as his running mate, he found a kindred, equally pragmatic spirit... (Larry Rother, Fiding common ground in Brazil, 13 de abril de 2003.)

Os dois últimos artigos a serem enfocados foram publicados num período em que a cotação do dólar e o risco Brasil no mercado internacional caíram drasticamente. Nesse contexto, *The New York Times* reconhece fatos positivos com relação ao Brasil e sua avaliação é favorável:

(36)Many analysts expected economic turmoil when Luiz Inacio da Silva won election as president of Brazil, but he has steered cautious economic course that is pointing in positive directions in his first 100 days in office... (Tony Smith, Success for Brazil despite naysayers, 10 de abril de 2003.)

(37)Brazil’s return to the international credit markets on Tuesday was a resounding hit with investors, who offered to buy seven times the \$1 billion in bonds offered, traders and analysts said today. (Demand is high as Brazil sells bonds, 30 de abril de 2003.)

Assim sendo, as proposições “ele [Lula] estabeleceu um curso econômico cauteloso que está apontando em direções positivas” e “o retorno do Brasil aos mercados internacionais de crédito, na terça-feira, foi um ponto que repercutiu bem junto aos investidores” constroem uma imagem positiva de Lula e de seu governo, embora essa não tenha sido a postura do *The New York Times* na grande maioria dos artigos em foco, no presente trabalho.

3. Considerações finais

As posições assumidas pelo *Guardian Unlimited* e pelo *The New York Times* são diametralmente opostas, se se considerar a maioria dos artigos aqui abordados. Enquanto o primeiro procura construir a imagem de um presidente que busca acertar em suas decisões e está preocupado com aspectos sociais e econômicos do Brasil, o segundo quer passar a



imagem de um governante que é incoerente, ambíguo e que muda de posição conforme as necessidades políticas do momento.

Observa-se, de um lado, que o *Guardian Unlimited* é mais direto em seu posicionamento, isto é, explícita, claramente, suas avaliações a respeito de Lula e de seu governo e, em alguns artigos, manifesta-se pelo sucesso do presidente do Brasil. *The New York Times*, por outro lado, muitas vezes lança mão do implícito, do não-dito, deixando fluir nas entrelinhas a postura de um grande sistema hegemônico no cenário mundial, que não acolhe o surgimento de uma liderança no continente americano. Nesse sentido, linguagem e ideologia não se desvinculam, pois esta última é “a significação a serviço do poder. Ideologias são proposições que geralmente figuram como suposições em textos, que contribuem para produzir ou reproduzir injustas relações de poder, relações de dominação” (Fairclough, 1995, p. 14).

Finalizando, conclui-se que a prática de uma análise crítica do discurso, atenta àquilo que é explicitado e àquilo que está pressuposto e implícito, mostra como a linguagem se estrutura a partir de uma ideologia e modela, silenciosa e continuamente, as idéias apresentadas. Nessa desconstrução do sentido, é tarefa dos educadores que atuam na área de comunicação conclamar estudantes e leitores para que fiquem atentos às estratégias do poder, constantemente infiltradas nos recursos da linguagem.

Referências bibliográficas

- (a) BELL, A. The discourse structure of news media. In: BELL, A.; GARRETT, P. *Approaches to media discourse*. Oxford: Blackwell, 1998, p. 64-104.
- (b) FAIRCLOUGH, N. *Media discourse*. New York: Edward Arnold, 1995.
- (c) FOWLER, R. *Language in the news: discourse and ideology in the Press*. London: Routledge, 1991.
- (d) Van Dijk, T. A. *News as discourse*. Hillsdale: Lawrence Erlbaum Associates, 1988.